Proletários de todos os países, uni-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO DO COMITE CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

DEFINIÇAO POLÍTICA

A Classe Operária publica, neste número, CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL assinada pelo Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Trata-se de um magnífico e oportuno documento que esclarece a posição política destas Forças. Testemunho da rebeldia do povo em face do regime fascista imperante no país, esse documento é uma clarinada de cristalino timbre patriótico e de profunda ressonância democrática convocando todos os que amam o Brasil para a união e a luta em defesa dos ideais de liberdade, progresso social e independência da pátria.

Ninguém de boa fé poderá negar propósitos elevados aos que recorreram às armas, na selva amazônica, para se opor à investida da reação. Não se lhes pode contestar também valor e desprendimento. São homens assim que erigem os marcos imperecíveis da história de um povo. Com sua bravura e seu sangue generoso, escrevem um capítulo heróico da luta contra o despotismo, que constituirá motivo de orgulho para os brasileiros de hoje e de amanhã.

A Carta norteia-se por um pensamento em perfeita consonância com a situação atual. Faz uma análise suscinta das condições adversas de vida no interior e examina o quadro político do país. Tira conclusões corretas. Seus signatários não formulam soluções ou programas inadequados ao momento, nem se apresentam como força estranha ao processo político em marcha. Levantam bem alto a bandeira da liberdade e da soberania popular em chocante contraste com o sistema discricionário imposto pelos militares. "Os legítimos donos desta terra - sublinham - são os seus cem milhões de habitantes. A eles - e não aos generais - cabe escolher o regime e o governo da nação". Quem assim afirma define-se como verdadeiro democrata, inimigo da tirania.

Merece destaque, na Carta, o registro da constituição de um combativo núcleo armado no país. Isto tem enorme importância. Desde há muito, setores populares vêm tentando organizar a resistência armada à ditadura. Fizeram-se vários ensaios na cidade e também no campo. Mas não lograram êxito. Agora surgem as Forças Guerrilheiras do Araguaia que se mantêm em ação há mais de seis meses e, ao que tudo indica, com capacidade para se consolidar e desenvolver. É um acontecimento auspicioso, uma vitória das correntes democráticas. Apesar da feroz repressão, a ditadura não conseguiu impedir o seu aparecimento e nem conseguirá liquidá-las. O povo tem em suas mãos um novo instrumento de ação política e mi

(Continua na página 2)

Neste Número:

DERROTAR A FARSA ELEITORAL 3
(Comentário Nacional)
VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA! 4
(Mensagem do CC do PC do Brasil ao PC da China)
MEMORÁVEL DISCURSO 5
(Artigo sôbre o 20º aniversário do discurso de J.V.Stálin)
CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL 8
SAUDAÇÕES AO CAMARADA MAURICIO GRABOIS 12
(Por motivo do seu 60º aniversário)

Nº 69 Outubro de 1972 Ano IX

Definição Política (continuação da 1ª página)

litar que lhe permitirá influir de maneira sempre mais eficaz no curso da situação. Sem dúvida, é apenas o começo. A luta será prolongada e exige maiores esforços de todos os revolucionários.

O surgimento da luta armada e sua ampliação correspondem aos interesses e as aspirações da nação. Não poderá o povo brasileiro livrar-se do fascismo imposto pelos generais, desde 1964, sem apelar para as armas e sem impulsionar um poderoso movimento de massas. A ditadura não cairá por si mesma. Os militares, com arrogância, reafirmam a todo instante que nem sequer remotamente pretendem estabelecer as liberdades democráticas. Continuam a hostilizar o povo, a fazer-lhe uma gurrra criminosa. Tampouco a ditadura ruirá pela simples pressão de setores oposicionistas das classes dominantes. Ainda que a oposição destes setores contribua para desmascarar o atual sistema político, é tímida e inconsequente. Para alcançar a liberdade, a independência e uma vida melhor o povo terá que opor à violência cada vez mais brutal da reação a violência revolucionária das massas. Não se trata de uma imposição subjetiva mas de uma contingência histórica. As greves, as manifestações de rua, a resistência às arbitrariedades, as ações camponesas pela terra a par do desenvolvimento da luta armada - são os meios para acabar com o regime de opressão, de entreguismo e de fome existente no país.

Mas a luta armada, e também o movimento de massas, exigem uma orientação política correta. Somente com palavras-de-ordem apropriadas à situação e que levem em conta a atual correlação de forças conseguirão progredir e atingir seus fins. Precisamente uma política justa é o que defende a CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL. Os que a subscrevem situam-se no terreno da luta democrática e patriótica, erguem bandeiras amplas que servem de traço de união à maior parte dos brasileiros. "A grande aspiração nacional nos dias de hoje - acentuam - é a derrubada da ditadura que tantos danos e sofrimentos vem causando ao Brasil, assim como a instauração de um governo e de um regime que assegurem amplas franquias democráticas e facilitem a solução dos graves problemas que afligem o país". Esta proposição enuncia acertadamente a questão principal, na ordem-do-dia para a maioria da nação, e permite unir vastas camadas do povo, desde a classe operária e os camponeses até setores da burguesia. Facilita a criação de uma extensa frente única indispensável para remover o maior entrave que agora obstrui o caminho para o avanço do país. Os guerrilheiros do Araguaia, partidários dessa frente única, tomam a iniciativa quando afirmam: "Juntâmo-nos a todos os que neste imenso e querido Brasil levantam a bandeira da liberdade e pugnam pela derrubada do governo tirânico e antinacional imposto por um golpe militar".

CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL expressa, assim, o sentimento geral da nação nesta quadra difícil por que passa o país. Abre largos horizontes às forças democráticas, desperta entusiasmo e inprime confiança no futuro. É preciso divulga-la por todos os meios e encontrar diferentes formas de apoiar os guerrilheiros do Araguaia que travam uma luta árdua e plena de heroísmo. Ao mesmo tempo, faz-se nescessário desenvolver o movimento popular, em todos os seus aspectos, tendo em vista golpear a ditadura e criar condições para sua derrocada.

OUÇA, E ACONSELHE SEUS AMIGOS A OUVIR, DIARIAMENTE, EM PORTUGUÊS

RADIO TIRANA - Emissões de uma hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00 horas - Ondas curtas de 31 e 42 metros
- Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 horas - Ondas curtas de 31 e 49 metros
- Às 7:00 horas - Ondas curtas de 25 e 31 metros

RÁDIO PEQUIM - Emissões de uma hora de duração:
- Às 19:00 horas - Ondas curtas de 25, 39, 41 e 48 metros
- Às 21:00 horas - Ondas curtas de 19, 30 e 32 metros

DERROTAR A FARSA ELEITORAL

Está marcada para 15 de novembro a realização de eleições municipais. Eleições não é propriamente o termo. Em realidade, significam uma farsa encenada pela ditadura, tentando ludibriar o povo. Os generais querem dar a impressão de que as massas populares exercem o direito de escolher seus representantes. Os eleitores, porém, terão de votar nos nomes indicados pelo governo ou nos que o governo permitir sejam apontados pela oposição. Eles - não influem, mesmo indiretamente, na apresentação dos candidatos nem na solução dos numerosos e sentidos problemas dos municípios.

O processo eleitoral impede qualquer manifestação da vontade popular. Apesar disto,- não haverá eleições para prefeito nas capitais dos vinte e dois Estados e tampouco nos municípios de certa importância, particularmente onde o MDB é mais forte, por motivos de - "segurança nacional". Aí os prefeitos são designados pelos governantes.

O chamado partido oposicionista não tem nenhuma chance eleitoral. Não obstante seu conformismo com a situação, a ditadura não lhe da oportunidade para expandir-se. Embora o regime militar, para guardar as aparências, permita o funcionamento da oposição moderada, só a admite dentro de rigorosos limites. A experiência do MDB nos pleitos anteriores é - bem amarga. Os prefeitos que elegeu, em 1968, passaram-se, quase todos, para a ARENA. É que a municipalidade depende inteiramente do governador do Estado e este, em todo o país, à exceção da Guanabara, pertence ao partido oficial. Os prefeitos da oposição carecem de condições mínimas para administrar. Negam-lhes verbas e recursos financeiros, seus partidários são vítimas de discriminação. As Câmaras Municipais existem pro forma. Muito pouco podem fazer. Assim mesmo, se o MDB nelas predomina e começa a contrariar interesses do situacionismo, o ditador apela para o AI-5 e as coloca em recesso, tal como ocorreu, recentemente, com as de Rio Grande e de Marabá.

A ditadura não se satisfaz com as medidas restritivas de caráter supostamente legal. Às vésperas do pleito, ameaça seus adversários realizando perseguições de todo tipo. As prisões se repetem e se avolumam. Em Goiás, dezenas de pessoas foram detidas e mesmo torturadas pelo Exército sob a ridícula alegação de que estiveram ligadas, há alguns anos atráz, ao inofensivo partido revisionista. Estas pessoas faziam parte do MDB. Também em S. Paulo, registrou-se a prisão de um vereador em exercício e candidato à reeleição. Até na ARENA sucedem-se as pressões de cunho político, quando há mais de um concorrente desse - partido disputando a direção do município. É o caso de Campina Grande, na Paraíba. O chefe do executivo demitiu do serviço público todos os parentes do candidato da ARENA não ligado ao esquema governamental e ameaçou com outras represálias, se o mesmo não renunciasse.

Deste modo, as eleições de 15 de novembro não passam de nomeação disfarçada de prefeitos e vereadores pelos prepostos da ditadura.

O desinteresse popular é, pois, justificado. Os dirigentes de um e outro partido reconhecem abertamente a falta de motivação para o pleito. Em muitos lugares houve dificuldades, inclusive para encontrar candidatos. O MDB desistiu de participar da farsa em vários municípios, sobretudo nos Estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco. A ditadura, porém, tudo faz para incrementar a campanha eleitoral de seus apaniguados. Garrastazu fez um apelo aos correligionários nesse sentido. E tomou uma série de providências demagógicas com indisfarçável intuito eleitoreiro. Através da perseguição, da fraude, de ameaças e demagogia esforça-se para conseguir uma "vitória" maciça no próximo mês. Espera utilizar os resultados das urnas para <u>demonstrar</u> a popularidade de seu impopularíssimo regime...

O povo brasileiro não pode ficar indiferente às manobras dos governantes fascistas. Já em pleitos anteriores, do mesmo quilate, deu a resposta merecida. Em 1970, os votos válidos não alcançaram 30% do eleitorado. Agora, é preciso proceder da mesma forma. Uma vez que a lei obriga o eleitor a votar, resta-lhe anular seu voto mediante inscrições de repúdio à ditadura nas cédulas eleitorais. Ou votar em branco. A abstenção, apesar do ônus, - constitui também uma forma de protesto. É necessário desmascarar a comédia eleiçoeira dos generais, denunciar seus planos propagandísticos.

Negando seu voto no pleito de 15 de novembro, os democratas contribuem, sem dúvida, para inflingir uma derrota à ditadura.

VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA!

Ao camarada Mao Tsetung
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Queridos camaradas

Na passagem do 23º aniversário da vitória da Revolução Chinesa e da fundação da República Popular da China, nós, os comunistas brasileiros, em nome das forças democráticas e populares do Brasil, expressamos aos caros camaradas e, por seu intermédio, a todo o povo chinês, nossas calorosas saudações revolucionárias.

A data de 1º de outubro de 1949 tem extraordinária significação para os destinos da nação chinesa, bem como para os de toda Humanidade progressista. Após vinte e dois anos de heróica luta armada, o povo chinês sacudiu o jugo do imperialismo estrangeiro e da reação interna, alcançou o Poder e iniciou uma nova vida. Este triunfo despertou o entusiasmo das massas populares chinesas, uniu suas fileiras, desatou incalculáveis energias criadoras e unificou verdadeiramente todo o país. O sistema imperialista mundial, encabeçado pelo imperialismo norte-americano, sofreu sério golpe e os movimentos de libertação nacional tomaram novo alento.

Desde então, operam-se na China Popular gigantescas transformações econômicas, políticas e sociais. Centenas de milhões de famílias camponesas se beneficiaram de uma autêntica reforma agrária. O desenvolvimento industrial atingiu ritmos sem precedentes e o progresso técnico e científico foi colocado a serviço das grandes massas, de seu bem estar. As calamidades sociais da velha China, tais como a fome, o analfabetismo, as doenças, a inflação e a corrupção, desapareceram rapidamente. No decurso desses anos, a China Popular, superando dificuldades sem conta, modificou sua fisionomia em todos os aspectos e se converteu numa nação socialista, avançada. O desmascaramento dos revisionistas contemporâneos no plano interior e no internacional, assim como as medidas para afastá-los do Poder, através da Grande Revolução Cultural Proletária, reforçaram a ditadura do proletariado e o regime socialista.

Hoje, a China Popular goza da admiração, da simpatia e o apoio de todos os povos da terra. Baseando-se nos princípios do internacionalismo proletário, solidariza-se com os povos que lutam por sua independência e liberdade, opõe-se com firmeza ao conluio contra-revolucionário do imperialismo norte-americano e do social imperialismo soviético e defendendo desinteressadamente as nações que se batem contra a agressão imperialista.

Todas estas brilhantes conquistas e a conversão da China Popular num baluarte seguro da causa dos explorados e oprimidos e da revolução mundial são fruto da justa orientação do partido da classe operária, da sábia liderança do camarada Mao Tsetung, da aplicação criadora do marxismo-leninismo às condições concretas do país: Graças a isso, o Partido Comunista da China tornou-se um partido glorioso, rico de experiências. Guiado pelo pensamento de Mao Tsetung é capaz de orientar o povo chinês para obter vitórias ainda mais portentosas.

As forças populares e democráticas do Brasil, em especial os comunistas, acompanham com atenção os ingentes esforços dos 700 milhões de chineses para construir o socialismo, aplaudem com entusiasmo seus sucessos e estudam suas experiências. Têm plena confiança que a grande nação asiática continuará sendo sincera amiga do povo brasileiro na luta em que este se acha enpenhado para derrubar a ditadura militar fascista e livrar-se da opressão do imperialismo norte-americano, seu inimigo mortal. A resistência popular no Brasil às forças reacionárias e ao imperialismo se dissemina e se reforça, atingindo novo nível com o início da luta armada que desenvolve no norte do país. Isto indica que a revolução nacional e democrática está em marcha e acabará triunfando.

É com justificada alegria que partilhamos das comemorações do 23º aniversário da Revolução Chinesa e da criação da República Popular da China e auguramos ao povo chinês novos êxitos em sua grandiosa luta pela edificação do socialismo e do comunismo.

Viva a República Popular da China!
Viva o Partido Comunista da China!
Viva a amizade entre nossos povos e partidos!
Longa vida ao camarada Mao Tsetung!

Rio de Janeiro, 1º de Outubro de 1972

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

MEMORÁVEL DISCURSO

A 14 de outubro de 1952 - precisamente há 20 anos - J.V.Stálin, o grande lider do povo soviético e do proletariado internacional, ao agradecer as saudações e mensagens de apoio endereçadas ao XIX Congresso do PCUS por quase todos os destacamentos proletários e revolucionários do mundo, pronunciou um breve e memorável discurso, que conserva, ainda hoje, enorme atualidade. Foi infelismente, sua última alocução. Stálin faleceu a 5 de março de 1953.

Duas décadas nos separam daquele momento histórico, dos temas abordados e das proposições formuladas pelo inolvidável dirigente comunista. Nesse período se operaram sérias transformações no panorama internacional. A mais surpreendente e trágica foi a determinada pela defecção da União Soviética do campo socialista, sua viragem para o campo da contra-revolução, a divisão do movimento comunista em consequência da traição de grande número da partidos à causa do proletariado. Não obstante, o curso da história não foi alterado substancialmente e continua a se desenvolver em favor da revolução e do socialismo. Novas e mais poderosas forças se ergueram e crescem em todos os países para sepultar de vez o imperialismo, e social-imperialismo e tudo o que eles representam de pôdre e nocivo para a Humanidade.

O discurso de Stálin reflete admiravelmente a situação criada naquele período. Após a Segunda Guerra Mundial, na qual a União Soviética justificou sobejamente as esperanças dos povos ao livrar a Humanidade da escravidão fascista alemã e japonesa, surgira um poderoso campo socialista, abrangendo países desde a China Popular e a Coréia até a Checoslováquia e a Albânia. Isto mudava a correlação de forças em proveito da democracia e do socialismo. Por sua vez, o imperialismo norte-americano procurava reunir em seu redor todas as forças reacionárias dos demais países e proclamava as suas pretensões ao papel de senhor do mundo e guardião do capitalismo. Os governantes de Washington, a fim de levar a cabo seus planos hegemônicos, tomaram a ofensiva em todos os terrenos - econômico, diplomático, militar e ideológico. Promoveram o Plano Marshall, insentivaram o revisionismo de Tito, intervieram nos assuntos internos de outras nações, mandaram tropa para jugular a resistência dos guerrilheiros gregos, espalharam bases militares onde puderam, concertaram tratados agressivos, abarcando vastas zonas do globo, invadiram a República Popular Democrática da Coréia, ocuparam a província chinesa de Taiuan (Formosa), faziam toda sorte de provocaçõesscontra Berlim e brandiam suas bombas atômicas com propósitos, anteriormente denunciado por Stálin, de intimidar as pessoas de "nervos fracos".

O plano norte-americano se orientava diretamente contra a União Soviética. Mas na verdade, se voltava de imediato contra os países mais fracos e de há muito cobiçados pelo apetite voraz dos trustes ianques, enriquecidos fabulosamente com a guerra. Diante da grave ameaça, impunha-se a intensa mobilização das massas populares. Tornou-se um problema político urgente a luta contra a guerra, em defesa da independência nacional e das liberdades democráticas - reivindicações que estavam intimamente entrelaçadas. Para assegurar a paz era preciso, antes e acima de tudo, pôr em movimento as massas de milhões de operários e camponeses que, no final de contas, sempre são as mais sacrificadas nas guerras de rapina dos monopólios capitalistas. Sobre os ombros dos comunistas recaia a maior parcela de responsabilidade na campanha pela manutenção da paz. Para isso, deviam dar provas de seu espírito internacionalista, sobrepondo-se à vaga de alúnias da reação, que os acusava de traidores e de estarem a serviço da União Soviética.

Numa hora de extrema tensão na política internacional e enfrentando a histeria reacionária, Stálin, em sua alocução, exaltou a atitude internacionalista dos seus camaradas de outros países que reafirmaram sua confiança na política de paz dos comunistas soviéticos e lhes deram seu apoio. Disse ele: "Seria um erro acreditar que nosso Partido, por se haver tornado uma força poderosa, não carece mais de apoio. Isto não é exato. Nosso Partido e nosso país tiveram e terão sempre necessidade da confiança, da simpatia e do apoio dos povos irmãos do estrangeiro". E ao esclarecer a particularidade desse apoio, acrescentou: "Todo apoio dado às aspirações pacíficas de nosso Partido, não importa por que Partido irmão, significa ao mesmo tempo, o apoio desse partido a seu próprio povo em luta pela manutenção da paz". Stálin lembrou que isso ocorreu nas diversas ocasiões em que a União Soviética esteve sob o perigo de ser estrangulada pela agressão do imperialismo.

Memorável Discurso (continuação da página 5)

Passados esses anos, o sentido do apoio recíproco, da solidariedade internacionalista, tão bem expressado por Stálin, pode ser melhor compreendido em face da luta heróica do povo vietnamita e dos demais povos da Indochina contra o ataque bandidesco dos imperialistas ianques. A solidariedade do povo dos Estados Unidos, por exemplo, à causa indochinesa vem ao encontro das aspirações de paz das massas populares norte-americanas. Exigir a retirada dos soldados ianques da Indochina e que Nixon deixe de cometer atrocidades contra aqueles povos, significa não só ajudar os indochineses em sua guerra de salvação nacional, como defender, principalmente, os interesses do povo dos Estados Unidos.

Dentro dessa linha internacionalista e revolucionária, Stálin, em seu discurso, afirmou que o Partido dos bolcheviques jamais fugiria ao dever de interessar-se e apoiar a luta dos partidos irmãos, especialmente dos que não haviam conquistado o poder, e tinham de "atuar sob o tacão das leis draconianas da burguesia". Aconselhava esses partidos a perseverar na luta e a não se deixar abater pelas dificuldades. Assim agindo, os bolcheviques russos conseguiram a vitória contra o tzarismo. Mostrava-lhes além disso, que suas tarefas estavam facilitadas pelo fato de que podiam aprender com os erros e os acertos dos países socialistas e de que a burguesia, o maior inimigo, se tornara mais reacionária, perdera os laços com o povo e, em consequência, se debilitara.

Stálin, caracterizando de forma correta a conduta da burguesia na época atual, de crise geral do sistema capitalista, explicou que esta já não posava mais de liberal nem proclamava a necessidade de resguardar as liberdades individuais. E aduziu: "O princípio da igualdade de direitos entre os homens e as nações foi pisoteado e substituído pelo princípio que assegura todos os direitos à minoria exploradora e priva dos mesmos a maioria explorada dos cidadãos. A bandeira das liberdades democráticas burguesas foi jogada fora". De igual modo procedeu a burguesia com a bandeira da independência e da soberania nacionais. "Atualmente - afirmou Stálin - a burguesia troca os direitos e a independência da nação por dólares".

Em tais circunstâncias, Stálin indicou aos partidos comunistas e democráticos que lhes cabia a tarefa de levantar a bandeira da luta pela liberdade e a da luta pela independência nacional, caso quisessem unir em torno de si a maioria do povo e se transformar em força dirigente de suas nações. Salientou que nenhuma outra força estaria em condições de levantar essas bandeiras. E concluiu dizendo que se assim o fizessem, havia todo o fundamento para esperar a vitória desses partidos.

Apezar do tempo decorrido, os problemas tratados por J.V.Stálin em 1952 não perderam em significação. Ao contrário, se tornaram mais candentes. Tanto pelo conteudo da análise como pela previsão marxista-leninista, correspondem inteiramente à realidade dos dias de hoje. O caminho preconizado pelo inesquecível dirigente leninista demonstrou ser inteiramente justo. Isto pode ser contatado até mesmo por um ligeiro exame da situação nos diversos países onde continua dominando a burguesia reacionária. As forças da reação, encabeçadas pelo imperialismo norte-americano, o arquiinimigo dos povos, recorrem aos métodos mais bárbaros e cínicos para liquidar os direitos democráticos dos cidadãos e esmagar o movimento de libertação dos povos oprimidos. Qualquer que seja o sistema de governo que adotem - o chamado representativo ou a ditadura aberta - campeia nesses países a violência contra as forças patrióticas e democráticas. Sistematicamente são presos ou assassinados todos os que põem em risco os privilégios da minoria exploradora e opressora. Torturas selvagens e perseguições indiscriminadas são empregadas para abafar os menores gestos de inconformidade. A burguesia norte-americana empreende uma guerra de extermínio contra os povos da Indochina, açula os sionistas contra os povos árabes, em especial contra o povo palestino, e ameaça de matança todos os povos que procuram se levantar em defesa de suas aspirações nacionais. A situação se tornou mais dura em face do conluio soviético-norte-americano. As duas superpotências imperialistas se aliaram para dividir o mundo em esferas de influência e impedir que os povos alcancem sua verdadeira independência. A burguesia revisionista soviética vem dando mostra de sua catadura reacionária em várias oportunidades e sobretudo quando estabeleceu, à ponta da baioneta, um regime títere na Checoslováquia.

A vida demonstrou o valor e a atualidade das palavras de Stálin, a sabedoria de suas indicações. A luta pela liberdade e a independência nacional continua a ser a grande tarefa dos partidos revolucionários. Marchando pelo caminho traçado por Stálin, conduzirão seus povos à vitória da grande causa do socialismo.

A ESCALADA DO ENTREGUISMO

Médici acaba de assinar um decreto-lei que, em seu primeiro artigo, autoriza a importação de conjuntos industriais já usados, com total isenção de tributos alfandegários para a produção de manufaturados destinados "essencialmente à exportação". O segundo artigo contém apenas o habitual "revogam-se as disposições em contrário".

Este sucinto decreto-lei tem antecedentes. O mais remoto é a famosa Instrução 113, da extinta SUMOC, ao tempo do governo Café Filho. O mais recente foi mencionado pela revista "Veja" de 30/8/72,(pag. 72), e que circulou um dia antes da publicação do decreto-lei: "Na verdade, desde maio deste ano está em vigor um decreto que, de certa forma, deixa entrever aquela proxima providência: é permitida a transferência de fábricas ou equipamentos usados para o Brasil, desde que separem 33% de sua produção para as vendas no mercado externo".

O governo, portanto, quis dar força de lei ao que antes era um simples decreto. Chama a atenção o fato de ter evitado uma tramitação legislativa, usando o recurso ditatorial do decreto-lei. Embora seja hoje uma simples formalidade homologatória, a passagem do projeto pelas Casas do Congresso daria margem a discussões. A ditadura não quer debates sobre o assunto. Esta conclusão é reforçada pelos indícios de que o decreto caiu entre as matérias proibidas pela censura. No dia seguinte, os jornais já se limitavam a estampar em páginas internas, nas seções econômicas que pouca gente lê, alguns escassos comentários.

Qual é o significado desta nova medida da ditadura militar? Resumidamente é o de que os generais chegaram ao delírio em matéria de entreguismo. Indica também que a voracidade do imperialismo, na sua metódica campanha para o controle absoluto da economia nacional, não tem limites e aumenta na mesma proporção em que o governo se apressa em lhe dar tudo o que exige.

Por esse decreto-lei, as empresas estrangeiras (e nem é preciso dizer que as principais beneficiadas serão as norte-americanas) poderão trazer do país de origem, sem pagar um centavo na alfândega, suas fábricas absoletas, já pagas ou quase pagas por longos anos de uso, incluindo todos os equipamentos, ferramentas e utensílios. O que logo salta à vista é que com isto cai por terra a norma de impedir a importação, mediante barreiras tarifárias, de produtos que já possuam similar nacional. Embora as empresas estrangeiras aqui instaladas sejam para esse efeito também consideradas nacionais, o fato é que a norma do similar nacional atendia aos interesses de algumas empresas de capital brasileiro. O novo decreto-lei, em si mesmo e pelas fraudes e manipulações que vai possibilitar, é um golpe nessas indústrias nacionais.

Mas o problema do similar nacional não é tudo. O decreto de maio deste ano, previa que as fábricas importadas deveriam dedicar um terço da sua produção à exportação. A nova lei, no seu laconismo, fala apenas de produção essencialmente dedicada à exportação. Isto permite crer que as fábricas importadas acabarão, de uma forma ou de outra, destinando a maior parte de sua produção ao mercado interno.

Qual o capitalista brasileiro que terá condições de concorrer com uma fábrica estrangeira importada sem qualquer ônus, cujo custo em equipamentos é igual a zero ou quase isto, além de contar com todas as vantagens das empresas estrangeiras que operam com financiamento volumoso, fácil e barato fornecidos pelas matrizes? Este é o aspecto principal da nova lei, que a grande imprensa procura desconhecer. De nada vale acenar com o "controle" de orgãos governamentais sobre as importações realizadas sob o novo critério, como garantia contra eventuais "distorções" contrárias à indústria nacional. Sabe-se dos efeitos da antiga Instrução 113, posta em vigor, aliás, por um governo oriundo também de um golpe militar, o de 24 de agosto de 1954. Serviu para a primeira grande onda de desnacionalização da economia nacional. Enfrentando dificuldades para importar equipamento, enquanto às empresas estrangeiras era permitido trazê-lo sem pagar tarifas, muitos industriais preferiram vender suas fábricas ou se associar ao capital estrangeiro. Este processo continua até hoje, principalmente a partir de 1964. Não há dia em que não surja a notícia de que mais uma fábrica foi vendida a um monopólio imperialista. A nova lei da ditadura militar vai facilitar e acelerar ainda mais a desnacionalização.

Tudo isto é feito em nome da necessidade de aumentar a EXPORTAÇÃO, a nova vaca sagrada diante da qual Delfin e seus acólitos vivem se agachando. O quadro é mais ou menos

(continua na página 10)

CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL

Sr. Deputado

Escrevemos-lhe de algun ponto da selva amazônica onde estamos lutando de armas nas mãos. Nosso abjetivo é esclarecer a situação criada nesta região e definir os propósitos que nos animam na resistência empreendida contra a prepotência do governo. Paradoxalmente, a oportunidade surgiu de um encontro nosso com um dos militares que aqui estão para matar-nos. Ele prontificou-se, caso a sorte lhe favorecesse e a ocasião se apresentasse, a enviar esta carta a Brasília. Disse simpatizar com a nossa causa e mostrou desejo de ajudar, fato revelador de que, entre os soldados, existe o sentimento de repulsa em servir de carrascos do povo. Se ele cumprir a sua palavra, pedimos-lhe encarecidamente, senhor deputado, remeter cópia a outros congressistas democratas, aos jornais e demais meios de comunicação. Não temos ilusão de que venha a ser publicada. A censura oficial teme a verdade. Tampouco acreditamos seja lida ou comentada da tribuna parlamentar. Afinal o Congresso é simples fachada, o Poder Legislativo não existe. O eco dos sofrimentos do povo, suas aspirações e suas lutas nele não encontram repercussão.

Há quase três meses embrenhâmo-nos nas matas do sul do Pará, atacados que fomos por contingentes do Exército, da Aeronáutica, Marinha e Polícia Militar paraense. Não pretendemos, nesta carta, pormenorizar as ações militares que se desenrolam nesta área. Queremos, apenas, dar uma ligeira idéia do que vem sucedendo. Numerosas tropas estão mobilizadas com o objetivo de massacrar-nos. Aviões e helicópteros, em quantidade, participam da ofensiva. Lanchas e carros anfíbios cruzam os rios e igarapés. Em vários lugares, têm sido empregadas bombas de napalm. Ocorreram choques armados, entre nós e os soldados do governo, dos quais resultaram mortos e feridos. Alguns dos nossos cairam presos; aprisionamos também alguns dos atacantes. Apezar da desigualdade de forças, infligimos-lhes reveses. Não conseguiram liquidar-nos nem abater o nosso moral. Por maiores que sejam as vicissitudes, estamos decididos a prosseguir na luta. A experiência ensina que o fraco, quando se bate por motivos justos, acaba transformando-se em forte.

A agressão começou em princípios de abril, no município de São João do Araguaia. Tropas do Exército desenbarcaram em um local de pequeno comércio na Faveira, às margens do Araguaia, e, com o pretexto de buscas a subversivos, prenderam várias pessoas. Depois atacaram moradores das proximidades do povoado de São Domingos, onde também efetuaram prisões e feriram a bala uma jovem que lá residia. Multiplicando seus alvos de ataque, os militares desenvolveram furiosa operação bélica. Os habitantes de boa parte do município tiveram suas casas imvadidas e suas roças destruídas. Sofreram toda sorte de vexames. Muitos foram detidos e espancados cruelmente. Mais tarde, a operação estendeu-se ao município de Conceição do Araguaia, sobretudo na zona da cachoeira de Santa Isabel e do povoado de São Geraldo. Aí, igualmente, os militares cometeram incríveis barbaridades.

Diante de tal situação, a resistência era inevitável. Os mais resolutos pegaram suas armas e trataram de responder à brutalidade da repressão. Pouco a pouco, cresceu o número de lutadores, homens e mulheres, organizando-se a força combatente. Além dos filhos do lugar, em nossa força há pessoas que procedem das grandes cidades, algumas das quais vitimas de perseguição política. São operários, estudantes e também profissionais liberais. Todos residiam há bastante tempo nesta zona. Trabalhavam e viviam da mesma maneira que o povo. Construiram suas casas, plantavam e colhiam, enfrentavam a aspereza da vida na roça. Identificaram-se com os problemas dos moradores do interior e eram por eles estimados. Sabendo que poderiam ser novamente perseguidos, tomaram medidas para defender-se.

As forças da ditadura espalham na região que somos terroristas e marginais, tentando legitimar seus atos de banditismo. Mas aqui todos nos conhece como gente que vivia do seu trabalho e ajudava os vizinhos no que podia. Somos patriotas e democratas convictos, isto sim. Também entre nós existem lavradores revoltados com as condições subumanas de existência que levavam. E este sentimento de revolta se justifica plenamente.

O povo desta região arrosta uma vida dura e muito difícil. Não conta com ajuda nem assistência de qualquer espécie. Lavra a terra pelos métodos mais primitivos e o produto do seu trabalho é vendido a preços ínfimos. Em contrapartida, tudo o que compra custa-lhe os olhos da cara. A fome é mal permanente. E as doenças - a malária, a leishmaniose, a

verminose e as infecções pulmonares - constituem o flagelo de quase todos os habitantes. As arbitrariedades policiais são frequentes. Qualquer soldado se arroga o direito de espancar e humilhar os lavradores e estorquir seus magros recursos. Os que moram nas cidades e povoados - como Marabá, São João, Araguatins, Xambioá, Conceição, São Domingos, Apinagés, Palestina, Santa Cruz, São Geraldo - não encontram onde ganhar o sustento. Os jovens emigram. Só há trabalho numa parte do ano, na safra da castanha ou na extração da madeira, trabalho que se pode considerar semi-escravo. Depois de meses de labuta nas selvas, os castanheiros ou madeireiros pouco ou nada recebem. Nestes últimos anos, desenvolve-se intensa grilhagem às margens do Araguaia, com o apoio aberto ou disfarçado das autoridades. Os antigos moradores são expulsos dos lugares que cultivavam e não têm para onde ir ou são empurrados, como os índios, para o fundo da mata. Por sua vez, os que chegam, em número sempre maior, tangidos de outros rincões do país pela miséria e exploração, não conseguem lugar para fazer suas roças e construir seus barracos. As grandes companhias, estimuladas pelos incentivos fiscais, tomam conta de dezenas e de centenas de milhares de hectares de terras. Entre estas, encontram-se diversas que pertencem a influentes grupos estrangeiros. Como resultado desta verdadeira usrupação, os posseiros levantam-se em defesa das glebas que possuem e entram em choque com a polícia e com pistoleiros profissionais a serviço dos poderosos.

Toda essa população pobre e desamparada, laboriosa e paciente quer e tem direito a uma vida melhor. Em geral, não sabe ler e escrever nem compreende ainda as causas de seus sofrimentos, mas sentem a injustiça e se insurgem contra o destino que lhe foi / reservado. Tem diante de sí um quadro clamoroso. Enquanto tudo lhe é negado, os grileiros contam com a proteção do governo e os trustes internacionais obtêm concessões para explorar as riquezas da região. Até agora esta gente sofrida não encontrou o caminho para formular suas reivindicações e reclamar seus direitos.

Hoje, os que empunham as armas e recorrem ao antigo e provado método da guerrilha, dão o primeiro passo nessa direção. O combate que travamos não é apenas de resistência às arbitrariedades do governo mas, igualmente, em defesa dos direitos do povo, por uma nova vida para os homens do interior. Mais dia, menos dia, levantar-se-ão os hsbitantes das zonas rurais, das vilas, povoados e cidades interioranas, conscientes de que só assim poderão mudar o panorama triste e sombrio desta parte abandonada do país. Também alimentamos a esperança de que os patriotas e democratas dos grandes centros urbanos participarão, de uma ou de outra forma, do nobre combate que sustentamos em prol da causa comum.

Compreendemos que a luta aqui encetada não tem caráter apenas local. É um aspecto da grande luta contra a ditadura porque está interessada a maioria da nação. Não foi unicamente contra nós que os generais investiram. Há muito tempo já, eles declararam guerra a todo o povo brasileiro, submetendo-o a um regime intolerável. Sabemos o quanto é grande o número de pessoas de diferentes condições sociais que passam pelos cárceres e são condenadas por "crime" político. A tortura e o assassinato de patriotas transformaram-se em rotina nos interrogatórios policiais. Vive-se sob o arbítrio do Ato Institucional nº5 que anula o exercicio do mais rudimentar direito do cidadão. Nossa Pátria é, hoje, um vasto acampamento militar, onde não há lei nem respeito pela pessoa humana.

Os generais no Poder falam em desenvolvimento e êxitos finceiros e posam de patriotas. Mas o Brasil atravessa profunda crise social e nenhum dos problemas básicos que reclamam urgente solução foi atendido. É fato incontestável que milhões de brasileiros não encontram trabalho nem conseguem instruir-se. O indíce de criminalidade entre os jovens elevou-se como nunca. Voltaram a proliferar doenças que haviam sido extintas ou mantidas sob controle. A mais grave, contudo, é a fome. Centenas de milhares de crianças morrem de desnútrição. O propalado desenvolvimento só beneficia as empresas imperialistas, os bancos e os grandes consórcios, cujos lucros crescem de ano para ano. O Brasil se endivida no exterior e cai sempre mais na dependência dos Estados Unidos. Por ventura, podem ser chamados de patriotas os que dirigem o país em proveito dos trustes internacionais, emquanto a maioria da nação empobrece constantemente? Acaso podem-se autodenominar guardiães da soberania os que entregam as riquezas da Amazônia à espoliação de poderosos grupos estrangeiros? Em que pesem as afirmações governamentais sobre o progresso, na verdade a nação regrediu, e muito, em seus padrões culturais, desenvolvimento político e níveis de bem-estar.

(continua)

Por isso, a grande aspiração nacional dos dias de hoje é a derrubada da ditadura que tantos danos e sofrimentos vem causando ao Brasil, assim como a instauração de um governo e de um regime que assegure amplas fanquias democráticas e facilitem a solução dos graves problemas que afligem o país.

Nossos pensamentos da luta que travamos também se orientam neste sentido. O povo brasileiro, que proclamou sua independência a 150 anos e continua lutando pela verdadeira emancipação nacional, não é imaturo como julgam os militares. É gente altiva. Consciente de suas responsabilidades cívicas. Recusa-se a viver sob a tutela de generais cuja visão dos problemas do país não vai além dos horizontes das casernas ou dos meandros tenebrosos dos serviços de informação. Já em 1909, na campanha civilista, Rui Barbosa proclamava com plena razão: "A nação governa. O Exército, como os demais orgãos do país, obedece". Este princípio fundamental foi, no entanto, invertido. São as Forças Armadas que governam e a nação não tem voz ativa. Todavia, os legítimos donos desta terra são os seus com milhões de habitantes. A eles - e não aos generais - cabe escolher o regime e o governo da nação. A eles compete, através de seus representantes livremente escolhidos, fazer ou derrogar as leis. Os que pretendem substituí-los no exercício de sua soberania, - quaisquer que sejam os motivos invodados, são déspotas que precisam ser varridos do Poder pelo povo.

Juntâmo-nos a todos os que nesso imenso e querido Brasil levantam a bandeira da liberdade e pugnam da derrubada do govêrno tirânico e antinacional imposto por um golpe militar. Em plena floresta, caçados pela ditadura e enfrentando imensas dificuldades, sonhamos com a democracia e a independência da pátria. Temos fé no futuro radioso do Brasil, livre da opressão, do atraso e da ignorância. Mas sabemos que esse futuro só pode ser alcançado pela união e pela luta de todos os seus filhos.

Receba, prezado compatriota, as nossas saudações democráticas.

De um recanto da selva amazônica, sul do Pará, junho de 1972.

O Comando das FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA

<u>A Escalada do Entreguismo</u> (continuação da página 7)

o seguinte: os governos, desde 1964, promovem um "modelo" de desenvolvimento baseado nos empréstimos e nos investimentos estrangeiros, que servem para tudo. A fim de pagar estes empréstimos, seus juros, os lucros das emprêsas, os roialtes que as matrizes cobram, etc, é preciso dólares e estes só é possivel obter através das vendas ao exterior. Ou seja, a ditadura militar toma o laço que o imperialismo lhe põe nas mãos, enfia no pescoço da nação, que está manietada e amordaçada, e depois diz: "Agora, para evitar o enforçamento, é preciso exportar". Mas como o imperialismo é também o principal comprador dessas exportações, para exportar é necessário fazer novas concessões ao capital estrangeiro, como a desse decreto-lei.

Assim, o objetivo de aumentar as exportação aparece acima de tudo como pretêxto para medidas desnacionalizantes como o do referido decreto-lei. Porque, na verdade, o aumento das exportação não resolve problema algum. Elas vêm aumentando nos últimos anos, inclusive as de manufaturados. No entanto, a balança comercial apresenta déficits crescentes: o deste ano está previsto, com excessivo otimismo, em <u>500 milhões de dólares!</u> Isto - sem falar na remessa de lucros, nos fretes, nos juros, etc. Trata-se só da diferença entre mercadorias exportadas e importadas. Nenhum país, principalmente os desenvolvidos, está se permitindo grandes liberalidades nas importações.

Por isto, a tendência dominante em todos os paises independentes é o protecionismo alfandegário e não o livre câmbio. Nestas condições, como furar as barreiras alfandegárias e que perspectivas podem ter as exportações brasileiras? Poderão aumentar, mas se as importações aumentarem em proporções ainda maiores, tornarão nulas as apontadas vantagens das exportações. Aliás, muitos dos empréstimos que o Brasil está fazendo para financiar o "desenvolvimento" são condicionadas à importação dos equipamentos.

O novo decreto-lei do governo vem fechar mais um elo na cadeia de dependência - que aprisiona o Brasil ao capital estrangeiro.

NOVA INVESTIDA CONTRA GUERRILHEIROS

Desde 18 de setembro, as Forças Armadas da ditadura levam a efeito vasta operação bélica na região que vai de Xambioá a Araguatins e nas imediações de Marabá. Segundo nota de fonte militar, publicada na imprensa, a finalidade da operação é fazer "um amplo reconhecimento da região adjacente ao eixo Xambioá-Araguatins, onde admite-se a existência de um foco de guerrilhas" e realizar "missões de busca e captura". Não há dúvida de que os generais tratam de arremeter contra os guerrilheiros do Araguaia, que prosseguem, com êxito, a resistência armada. É uma nova campanha, depois dos fracassos das anteriores, para tentar esmagar a luta surgida no sul paraense.

As tropas da ditadura, nestes ultimos meses, haviam recuado para as cidades e povoados que circundam a zona de conflito. Derrotadas na primeira investida, procuraram reagrupar-se e por em prática um plano de maior envergadura. Construiram, com rapidez, vários caminhos, tendo em vista facilitar o deslocamento da força. Em dois meses, abriram uma estrada de 30 quilômetros para ligar Araguaiana na Belém-Brasília a Araguanã, no Rio Araguaia. E completaram outra, dentro da mata, de 120 quilômetros, unindo São Geraldo e Marabá. Buscaram mateiros, inclusive indígenas, para servir de guias aos soldados na floresta. Apressaram a formação de vários batalhões de infantaria da selva e recrutaram para o Exército jovens da população do interior paraense, maranhense e goiano.

Agora, os militares puseram em pé de guerra toda a região. Cinco mil soldados foram transferidos para as margens do Araguaia, além dos que já lá se encontravam. Sob o comando do general Viana Moog, auxiliado pelo genral-de-brigada Antonio Bandeira, alí se concentram o Batalhão de Guarda Presidencial, 8º Grupo de Artilharia Anti-aérea, Regimento de Cavalaria de Guarda, Polícia do Exército - todos de Brasília; o 10º Batalhão de Caçadores de Goiânia; o 6º Batalhão de Caçadores de Ipameri ; o 36º Batalhão de Infantaria de Uberlândia; as Forças do Comando Militar da Amazônia e da 12ª Região Militar. DA Aeronáutica, encontram-se unidades da 1ª Zona Aérea, de Belém; da 6ª Zona Aérea, de Brasília; e da 3ª Zona Aérea, do Rio de Janeiro. Também está presente uma tropa do Grupamento de Fuzileiros Navais, de Brasília. Nas frentes de combate são lançados soldados da Brigada Aero-Terrestre, Fuzileiros Navais e Centro de Operações da Selva e Operações de Comando, COSAC.

Paralelamente às ações bélicas se desenrolará intensa atividade da Ação Cívico Social do Exército, abarcando o conjunto da população da zona. À Aciso caberá, conforme foi anunciado, realizar um trabalho de "politização" das massas, visando (pela mentira e pelo terror) a evitar que estas prestem qualquer apoio aos guerrilheiros.

Trata-se, pois, de uma extensa mobilização de forças militares para levar a cabo atos de guerra como há muitos anos não ocorria no Brasil. Conforme notícias veinculadas pela imprensa, os generais pretendem "varrer" toda a área à margem esquerda do Araguaia, atualmente sob controle das Forças Guerrilheiras, objetivando aniquilar a resistência que o povo daquela zona vem opondo à ditadura.

Mas os reacionários fascistas não alcançarão seus intentos. Ainda que seja grande a ostentação bélica das Forças Armadas, assim como o terror que espalham na região, a nova campanha contra os guerrilheiros está destinada a fracassar. Os combatentes da selva e os moradores do interior saberão defender-se, preservar suas forças e prosseguir na luta que vem sustentando desde abril, em prol dos direitos do povo e pela liberdade. Contarão, certamente, com o apoio e a simpatia de todos os brasileiros que não querem viver sob o regime tirânico dos generais.

Destacado Combatente de Vanguarda (continuação da página 12)

nário proletário, um reconhecido dirigente comunista.

Receba, camarada Maurício Grabois, o abraço afetuoso de todos os companheiros de luta e os votos que fazemos de bôa saúde e de longa vida para que possas, ainda por muito tempo, trabalhar em prol do fortalecimento do Partido Comunista do Brasil, e da vitória dos ideais que ele defende.

Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1972.

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

DESTACADO COMBATENTE DE VANGUARDA

Prezado Camarada Maurício Grabois

Por motivo da passagem do teu 60º aniversário de nascimento e do 40º do teu ingresso nas fileiras avançadas da classe operária, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil envia-te as suas mais calorosas e fraternais saudações proletárias.

Todos nós, camarada Maurício, membros do Partido, temos na mais alta conta tua ininterrupta atuação revolucionária nas últimas quatro décadas. Num país como o nosso, onde ser verdadeiramente comunista, ontem como hoje, tornar-se alvo de infames perseguições e vítima de cruéis castigos, uma tão prolongada e firme militância merece especial destaque e constitue motivo de satisfação e justo orgulho para os lutadores de vanguarda. Nesta oportunidade, queremos ressaltar sua fidelidade sem limites aos ideais do Partido como exemplo que haverá de se multiplicar pelo tempo afora em bem da luta pela libertação nacional e social do povo brasileiro.

Aos vinte anos, rebelado diante das injustiças e sofrimentos dos explorados, resolveste seguir o caminho da classe mais revolucionária da sociedade. Ingressaste na Juventude Comunista e, logo depois, te convertias em membro do Partido. Desde então, dedicaste tua existência inteiramente à atividade partidária, sem um momento de descanso. Não houve, para tí, outra vida que não fosse a de militante comunista, nenhum outro título te foi mais querido que o de membro do Partido da classe operária. Tudo que de melhor revelaste - qualidades de inteligência, lealdade, perseverança e espírito prático - puseste a serviço do Partido, da grande e nobre causa do comunismo. Apesar das vicissitudes, sempre confiaste na força do proletariado, jamais perdeste a fé na revolução. A princípio, como simples militante de base, mais tarde, como dirigente, qualquer que fosse a tarefa ou a função, procuraste servir, de todo o coração, os trabalhadores e o povo.

Tomaste parte ativa nas jornadas de 1934 contra a guerra e o fascismo. Trabalhaste incansavelmente na criação e no fortalecimento da Aliança Nacional Libertadora. Tua atuação foi das mais relevantes no duro período do Estado Novo. Encarcerado por dois anos, tiveste uma conduta digna no cárcere. Foste um dos organizadores da Conferência da Mantiqueira para reconstruir o Partido que havia sofrido sérios golpes e se encontrava ante a grave ameaça do liquidacionismo. No após-guerra ajudaste a organizar e desenvolver as forças do proletariado revolucionário, participaste com realce das vigorosas manifestações populares dirigidas pelo Partido. Lider da bancada comunista da Câmara dos Deputados, de setembro de 1946 a janeiro de 1948, quando foram cassados os mandatos dos representantes da classe operária, não te deixaste impregnar do cretinismo parlamentar e deste prova de combatividade e firmeza revolucionária. Em 1956, lutaste contra o grupo de Agildo Barata que afrontava o Partido e pretendia liquidá-lo. Defendeste, energicamente, a imprensa partidária, então em poder dos liquidacionistas e contribuiste decisivamente para arrancá-la das mãos de seus inimigos. Na discussão empreendida, em 1960, por ocasião do V Congresso do PCB, ocupaste lugar proeminente no combate às teses revisionistas de Prestes e seus seguidores, desmascarando em profundidade a linha de direita. Fiel aos ensinamentos do marxismo-leninismo, realizaste, desde essa época, intensa e valiosa atividade em defesa do Partido que vinha sendo relegado pelos oportunistas. Considerável foi tua contribuição, tanto política-ideológica como prática para a reorganização da vanguarda proletária, em fevereiro de 1962. No curso desses 10 anos de luta acirrada contra o revisionismo contemporâneo e de ingentes esforços pela consolidação das fileiras comunistas, mantiveste sempre posição avançada e jamais recuaste ante as dificuldades. Defendendo a Orientação revolucionária do Partido, te esforçaste, a fundo, por encontrar os caminhos de sua realização prática. Hoje, juntamente com outros valorosos camaradas, empenhas-te no cumprimento de uma das mais importantes e árduas tarefas traçadas na VI Conferência Nacional do Partido.

Nestes quarenta anos de atividade, em grande parte efetuada nas condições de brutal perseguição política, estiveste sempre no teu posto de combatente de vanguarda, realizando com tenacidade os encargos que te foram confiados. Os inimigos do Partido nunca te pouparam ódio e calúnia. Mas isto apenas te engrandece aos olhos do proletariado e do povo. Na verdade, tens demonstrado, a par de perspicácia política e vigilância revolucionária, intransigência na defesa dos princípios e flexibilidade na aplicação da linha partidária. És um digno revolucio-

(Continua na página 11)